



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



FÁBIO CASSIANO NETO

**WOODEN E CALIPARI: COMPETÊNCIAS DE
TREINADORES EXCELENTES DE DIFERENTES ÉPOCAS**

Limeira
2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



FÁBIO CASSIANO NETO

WOODEN E CALIPARI: COMPETÊNCIAS DE TREINADORES EXCELENTES DE DIFERENTES ÉPOCAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti

Limeira
2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

C273w Cassiano Neto, Fábio, 1993-
Wooden e Calipari : competências de treinadores excelentes de diferentes épocas / Fábio Cassiano Neto. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Larissa Rafaela Galatti.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Basquetebol - Treinadores. 2. Basquetebol - Treinamento. I. Galatti, Larissa Rafaela, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Wooden and Calipari: excellent skills of coaches from different eras

Palavras-chave em inglês:

Basketball - Coaches

Basketball - Training

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte

Banca examinadora:

Luciano Allegretti Mercadante

Thiago Leonardi

Data de entrega do trabalho definitivo: 25-11-2015

Dedico esse trabalho à minha família, a qual sempre me amou e me ensinou valores que levarei para toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador de duas iniciações científicas e grande amigo Luciano Mercadante por todo o ensinamento passado, pelas oportunidades que me proporcionou e pela amizade.

Agradeço a minha orientadora Larissa Galatti pela oportunidade de mais uma iniciação científica e do trabalho de conclusão, além dos conhecimentos que me passou.

Agradeço aos meus professores, que em toda minha graduação sempre se mostraram dispostos a me ajudar em qualquer situação.

Agradeço aos amigos que fiz durante toda a graduação. Passei a melhor fase da minha vida perto deles.

Agradeço ao Anderson Calderani Junior por toda a ajuda que me ofereceu durante os trabalhos no laboratório.

Agradeço ao Murilo Faria pelas histórias de um ano e meio de convivência.

Agradeço ao Raphael Cari pela convivência e por tudo que fez por mim.

Agradeço ao Renê Ribeiro pela ajuda prestada quando precisei ir ao hospital quando fraturei o dedo.

Agradeço ao Aurélio Estanislau pela amizade e pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço a Barbara Crisol por ser uma das pessoas que eu mais prezo na universidade, por ter me ajudado com os estudos e por ter me ajudado na época que fui treinador do basquete feminino da AAASE. Aprendi muito com você, Barbara.

Agradeço a Marina Mangold pela amizade sincera e pelas situações vividas.

Agradeço a Lara Pierroni pelas caronas nos momentos que mais precisei e pela amizade.

Agradeço ao time de basquete feminino da AAASE, onde durante um ano e meio vivi inúmeros momentos de alegria e de aprendizado.

Agradeço ao meu professor de jiu jitsu, Adrien Domingues, pelos valores que me ensinou, pela amizade e pelo que fez por mim. Adrien é uma das pessoas mais humildes que já conheci em toda minha vida.

Agradeço ao Luigi Turisco, um grande amigo e profissional que me ofereceu inúmeras oportunidades de aprendizagem em todos os momentos que necessitei.

Agradeço ao Renato Lamas por ter me proporcionado estágio com uma das melhores categorias de base do basquete brasileiro, a Winner/Limeira.

Agradeço ao Felipe Souza, um amigo da época da universidade e que depois se tornou meu coordenador de estágio na Winner/Limeira, me ajudando em diversas situações.

Agradeço ao Marcos Vinicius Strapasson por ter aberto as portas do Corinthians/Americana para que possa aprender cada vez mais sobre o basquete.

“Se você está motivado o suficiente e levar o trabalho a sério, você pode alcançar qualquer coisa na vida que já tenha colocado na mente.”

(Earvin “Magic” Johnson)

“É preciso fazer algo especial, se sobressair, e não simplesmente ganhar. Todo ano alguém vence um campeonato. Eu procuro algo além disso.”

(Ayrton Senna da Silva)

CASSIANO NETO, Fábio. Wooden e Calipari: Competências de treinadores excelentes de diferentes épocas. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2015.

RESUMO

O basquetebol está sendo muito estudado ultimamente e junto dele os estudos sobre treinador e *coaching* estão cada vez mais frequentes. No basquetebol universitário da *National Collegiate Athletic Association* (NCAA), John Wooden, ex-treinador da *University of California*, Los Angeles(UCLA), foi considerado o maior treinador de todos os tempos após inúmeros recordes e dez títulos da liga, sendo sete consecutivos e quatro invictos. Nos dias de hoje, John Calipari, treinador da *University of Kentucky*, está se destacando como um dos melhores treinadores da NCAA, conquistando o campeonato em 2012 e o melhor início de temporada da história da NCAA (após a adoção de 40 jogos por temporada) na temporada 2014-2015, com o recorde de 38 vitórias e uma derrota. Através de análise temática sobre os treinadores supracitados, as pesquisas científicas que envolvem o conceito de treinador serviram de base para relacionar os treinadores estudados e a literatura. O objetivo do estudo foi reconhecer e classificar os conhecimentos dos treinadores seguindo a proposta de Côté e Gilbert (2009), em conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal. Wooden e Calipari apresentam fortes conhecimentos interpessoais e intrapessoais, enquanto o conhecimento profissional tem maior fundamentação na aprendizagem informal.

Palavras-chave: Treinador Esportivo 1. Basquetebol 2. Eficácia 3.

CASSIANO NETO, Fábio. Wooden and Calipari: Excellent skills of coaches from different eras. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2015.

ABSTRACT

Basketball is being extensively studied lately and the studies of coach and coaching are increasing frequently. In college basketball, the National Collegiate Athletic Association (NCAA), John Wooden, former head coach of the University of California, Los Angeles (UCLA), was considered the greatest coach of all time after countless records and ten league titles, being seven consecutive and four undefeated. Nowadays, John Calipari, the University of Kentucky head coach, is emerging as one of the best coaches in the NCAA, winning the championship in 2012 and the best start in the history of the NCAA in the 2014-2015 season with a record of 38 wins and one loss. Through thematic analysis of the above coaches, scientific research involving the coach concept was the basis for relating the studied coaches and literature. The objective was to recognize and classify the knowledge of coaches following the proposal of Côté and Gilbert (2009), professional knowledge, interpersonal and intrapersonal knowledge. Wooden and Calipari show strong interpersonal and intrapersonal knowledges, while professional knowledge has its fundamental concept based on informal learning.

Keywords: Sports Coach 1. Basketball 2. Efficacy 3.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Bases fundamentais dos conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal de John Wooden.....	24
Quadro 2	Bases fundamentais dos conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal de John Calipari.....	32
Quadro 3	Síntese das idéias dos treinadores Wooden e Calipari.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NBA	<i>National Basketball Association</i>
NCAA	<i>National Collegiate Athletic Association</i>
UCLA	<i>University of California, Los Angeles</i>
UMASS	<i>University of Massachusetts</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Justificativa.....	14
2	MARCO TEÓRICO.....	15
3	MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1	John Wooden.....	22
4.2	John Calipari.....	26
5	CONCLUSÃO.....	34
6	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A evolução do esporte exige que as pessoas envolvidas nele também evoluam. O treinador (*coach*) vem ganhando destaque com o passar dos anos, sendo estudado por diversos pesquisadores em todo o mundo. No que diz respeito ao basquetebol, por exemplo, ele é imprescindível para uma boa temporada e para atingir objetivos propostos pelas equipes. Um dos cenários em que o treinador tem seu trabalho valorizado é na liga de basquete universitário norte americano, a NCAA (*National Collegiate Athletic Association*). Isso se dá pelo fato deles se envolverem com jovens que estão em busca do sonho da carreira profissional esportiva. As universidades, então, não medem esforços para contratar um treinador capaz de fazer isso com os garotos, embora eles sejam contratados para levar o nome da universidade para todo o cenário nacional como sendo uma potência na área.

Entre os treinadores mais famosos e um dos alvos do estudo, John Wooden, ex-treinador de basquete da UCLA (*University of California, Los Angeles*) foi campeão dez vezes da NCAA com a equipe da UCLA. Além de ser detentor de inúmeros recordes, foi considerado o treinador do século XX pela ESPN em 1999. Atualmente, a NCAA conta com treinadores de renome, como Mike Krzyzewski (treinador da seleção adulta masculina dos EUA e da Duke *University*, atual campeã da liga), Tom Izzo (treinador da Michigan *State University*), Roy Williams (treinador da *University of North Carolina*) e John Calipari (treinador da *University of Kentucky*), que é o outro alvo do estudo. John Calipari é detentor de inúmeros recordes, assim como Wooden, e é considerado um dos melhores pelo número de jogadores que consegue enviar para a liga profissional, a NBA (*National Basketball Association*). Sagrou-se campeão da NCAA em 2012, seu terceiro ano em Kentucky.

O objetivo do estudo é reconhecer e classificar os conhecimentos dos treinadores seguindo a proposta de Côté e Gilbert (2009), em conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal.

1.1 Justificativa

A justificativa da escolha do tema vai ao encontro com a evolução pela qual o esporte passou. Na época em que John Wooden era treinador, o basquete não era visto como hoje em dia, com um grande investimento de dinheiro. Atualmente, as universidades possuem muito mais dinheiro e status, podendo influenciar escolhas, assim como é em Kentucky. Então, o tema foi escolhido de maneira a avaliar as competências dos treinadores de diferentes épocas. John Wooden foi escolhido por ser o melhor treinador da história do basquete universitário norte americano da era antiga, enquanto John Calipari foi escolhido por ser considerado um dos melhores da era moderna.

2 MARCO TEÓRICO

Muitos estudos estão sendo realizados para tentar definir quais as competências necessárias e funções que um treinador deve desempenhar para que ele seja considerado excelente (CÔTÉ, 2009; GILBERT, 2013). Alguns destes estudos dizem respeito à efetividade do treinador (*coaching expertise*), que pode ser definida pelo nível de conquistas atingidas partindo da relação entre vitórias e derrotas ou a partir dos atributos pessoais atingidos pelos atletas, tais como satisfação e prazer. Outros pesquisadores seguem caminhos diferentes e definem a efetividade através dos anos de experiência que o treinador possui (CÔTÉ; GILBERT, 2009). Embora a efetividade possa ser definida por parâmetros objetivos como este, existem diversos fatores determinantes e relevantes para o sucesso, onde podemos destacar o comportamento, a disposição, a educação e a experiência do treinador. Essas características são tratadas como Conhecimento dos treinadores (*Coaches' Knowledge*) (CÔTÉ; GILBERT, 2009). O conhecimento extenso do treinador é considerado como a principal característica daqueles que se tornaram ou tornarão treinadores considerados efetivos em suas determinadas modalidades esportivas. Podemos dividir o conhecimento extenso em duas partes para uma melhor análise, que são elas, a que é referida como conhecimento declarativo e a outra como conhecimento processual.

O conhecimento declarativo pode ser descrito como o conhecimento rotineiro, o qual inclui informações disponíveis de prontidão sobre os elementos e os conceitos, além da relação que ambos possuem em áreas específicas, ou seja, o conhecimento teórico do treinador. Já o conhecimento processual é visto como um mapa, detalhando e orientando como deverão ser realizadas as atividades necessárias para o cumprimento de uma determinada tarefa, ou seja, como ele aplica (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

A transformação e a aplicação do conhecimento declarativo em conhecimento processual têm sua base firmada na tomada de decisão efetiva, uma vez que essa é considerada como um dos pré-requisitos do sucesso, unindo-se a autocrítica. O vasto conhecimento do esporte é tratado como característica primária do sucesso e da efetividade. Além dos pré-requisitos, o treinador deverá manter uma relação com os atletas, com sua comissão técnica, alguns outros profissionais, e em

alguns casos, com os pais dos atletas caso seja treinador de uma equipe de categoria de base.

Por ser mais complexo que apenas relações e autocríticas, podemos destacar conhecimentos que devem ser desenvolvidos pelo treinador para que ocorram melhoras em sua efetividade. Chamado como tríade dos conhecimentos do treinador por Côté e Gilbert (2009), essa tríade é baseada em três conhecimentos, sendo eles: conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal.

O conhecimento profissional é o conhecimento do conteúdo que é ensinado e como deve ser ensinado, necessitando ser baseado em uma visão pedagógica do conteúdo relacionado ao ensinamento de habilidades técnico-táticas de determinado esporte (GILBERT e CÔTÉ, 2013).

Já o conhecimento interpessoal pode ser associado e classificado como uma espécie de inteligência emocional, onde o treinador deve ser capaz de lidar com todos os profissionais que o cercam, sejam eles seus assistentes, imprensa, atletas, gerentes da equipe, entre outros. O conhecimento interpessoal não acontece só a partir dessas relações, pois treinadores devem ser capazes de reconhecer sentimentos, uma vez que esse torna a comunicação mais fácil e os conflitos serão evitados, além de ajudar no caso da falta de confiança que o atleta possui. Essa característica é vista como uma vantagem, pois o treinador poderá reconhecer os sentimentos de seus adversários e tomar decisões pautadas nas emoções apresentadas. Treinadores devem usar emoções para facilitar a tomada de decisão, porque elas podem gerar esforço, entusiasmo e concentração, podendo desenvolver atletas mais competentes e confiantes. Entender as emoções acaba se tornando essencial para a evolução da equipe, uma vez que treinadores capazes de interpretar emoções têm um bom discernimento sobre o que faz sua equipe responder a determinados estímulos, influenciando subjetivamente em comportamentos e em habilidades específicas. Ser capaz de gerenciar essas emoções também é uma característica essencial do treinador, pois ele é o responsável em ensinar ao atleta estratégias de controlar seu estado emocional, gerando uma evolução do rendimento dele (GILBERT; CÔTÉ, 2013). O comportamento e os conhecimentos do treinador apresentam uma influência significativa no perfil psicológico de seu atleta, uma vez que o psicológico tem

capacidade de afetar diretamente as outras características, podendo interferir no desempenho (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

O conhecimento intrapessoal se refere à questão da autocrítica e a capacidade de evoluir a partir da reflexão feita sobre sua própria maneira de trabalhar e/ou ensinar. Gilbert e Côté (2013) propuseram três tipos de reflexões. O primeiro tipo, chamado de *reflection-in-action* (reflexão em uma ação), diz que ela ocorre durante uma ação, seja treino ou jogo. Por exemplo, quando o adversário muda sua estratégia ofensiva e sua equipe não percebe, gerando diversos pontos fáceis. O treinador deve então pensar em alguma estratégia que possa se adaptar àquela mudança enquanto o jogo ocorre para dificultar o adversário de marcar pontos. Então, após refletir sobre a melhor opção, ele transmite aos seus jogadores, seja em um tempo técnico ou com a bola em jogo.

O segundo tipo de reflexão é chamado de *reflection-on-action* (reflexão sobre uma ação) e é definido como uma conversa reflexiva sobre a ação depois que ela ocorreu, mas com possibilidade de ainda solucioná-la. Exemplificando, se a equipe possui um sistema defensivo que permite o adversário pontuar facilmente, o treinador pode “esperar pela melhor ação” para o jogo seguinte, ou seja, ele prorroga o problema para tentar resolvê-lo no próximo jogo, alterando a estratégia defensiva.

O terceiro tipo é chamado de *retrospective reflection-on-action* (retrospectiva da reflexão sobre a ação) e é definido como uma “aceitação” que tal mudança deve ser necessária. Continuando no exemplo anterior, supomos que o treinador não decida fazer nenhuma mudança no sistema defensivo e a temporada termine. Durante a pós-temporada ele “aceita” que uma mudança deve ser feita para que ocorra uma melhora do sistema defensivo. Essa retrospectiva não acontece nem *in-action* e nem *on-action*.

Apesar dos conhecimentos específicos que o treinador deve possuir, outras questões também abordam essa área de estudo. Um treinador não vive só das relações, mas sim de resultados, tanto para sua equipe, quanto para seus atletas. Caracterizado como *Athletes' Outcomes* (resultados dos atletas) para Côté e Gilbert (2009), também servem de parâmetro para definir expertise e efetividade do treinador.

Os resultados dos atletas dependem da expertise do treinador em desenvolver a Competência, Confiança, Conexão e Caráter deles (4 C's). O estudo

de Côté e Gilbert (2009) apresenta alguns resultados que devem resultar de um treinador efetivo, que são eles:

- Competência: habilidades técnicas e táticas do esporte específico, habilidades de desempenho, saúde e vigor avançados e hábitos saudáveis de treinamento;
- Confiança: sensação interna de autoestima positiva;
- Conexão: atitudes positivas e relações sociais com pessoas de dentro e fora do esporte;
- Caráter: respeito pelo esporte e pelos outros, moralidade, integridade, empatia e responsabilidade.

A efetividade do treinador está na capacidade dele de aplicar conteúdo específico baseado nos três conhecimentos, profissional, interpessoal e intrapessoal, de maneira que ocorra uma melhora significativa dos resultados dos atletas (4 C's) em diferentes contextos. Esses contextos são tratados como "*Coaching contexts*" (contextos do treinamento), onde é apresentada uma diferenciação dos níveis esportivos, seja esporte visando competição e alto rendimento ou esporte de participação, o qual foca apenas no lazer e no prazer de realizar um esporte.

O esporte de participação é diferenciado por não envolver competição, acabando por não enfatizar o desempenho dos atletas. Já o esporte de alto rendimento acarreta em uma preparação séria e compromissada com o programa de treinamento, a fim de aperfeiçoar as habilidades determinantes do desempenho. O esporte como um todo deve ser visto como uma atividade que as qualidades básicas de cidadania são aprendidas, não importando a idade das pessoas e nem o nível de competição em que estão inseridas (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Abordando novamente a questão da efetividade, treinadores considerados efetivos durante um longo período de tempo podem ser considerados experts, visto que suas metodologias são consistentes e apresentam resultados positivos constantemente (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Entretanto, para poder ensinar seus atletas e atingir resultados, treinadores devem ser bons estudantes antes de tudo. Ao contrário do que se acredita, não é só apenas o conhecimento advindo da graduação ou pós-graduação que norteia os treinamentos, mas todo o contexto que o treinador é envolvido durante toda sua vida (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

De acordo com estudo de Nelson, Cushion e Potrac (2006) são definidos três tipos de aprendizagem do treinador, sendo elas, aprendizagem formal, aprendizagem não formal e aprendizagem informal. A aprendizagem formal é definida como algo que é institucionalizado e com divisões estruturadas do sistema de ensino. Esse tipo de aprendizagem é aquele que possui pré-requisitos aos candidatos, sendo aplicados testes padrões que culminam em algum tipo de certificação. O conhecimento na aprendizagem formal é passado de ciclo em ciclo de ensino, mas apenas se o aprendiz tiver a “base necessária” para o entendimento daquilo que lhe está sendo ensinado, por exemplo, os conceitos de anatomia devem ser a base dos conceitos de cinesiologia, e assim sucessivamente.

A aprendizagem não formal é definida por qualquer atividade educacional, sistemática e organizada que está fora dos contextos estruturais de um determinado sistema formal de ensino. Inclui conferências, seminários e *workshops*, embora os mais procurados sejam os cursos rápidos voltados para a área de interesse de determinada pessoa. Podemos utilizar de exemplo de aprendizagem não formal, cursos promovidos por confederações e federações, além de congressos e *workshops*.

Já a aprendizagem informal é definida pelo processo pelo qual a pessoa adquire e acumula habilidades, conhecimento, atitudes através de experiências diárias durante sua vida. Ter convivência no ambiente esportivo, relações diretas com atletas ou profissionais e até assistir jogos são exemplos de como pode ser adquirido o conhecimento informal. Estudos de Nelson, Cushion e Potrac (2006) e Brasil *et al* (2015) também mostram que treinadores aprendem através de inúmeras vertentes, incluindo experiência como atleta. A aprendizagem através deste meio é de suma importância, uma vez que a quantidade de tempo é considerada pequena que um treinador pode gastar em um determinado ambiente de aprendizagem formal comparado as incontáveis horas que o mesmo passa no ambiente esportivo, seja treinando a equipe ou interagindo com os atletas e com os outros treinadores.

Brasil *et al* (2015) afirma que o processo de se tornar um treinador está vinculado diretamente com os caminhos traçados na vida pessoal do treinador. Além dos caminhos traçados, o processo para se tornar um treinador é algo que ocorre durante toda a vida, levando em consideração que o treinador leva consigo uma gama de conhecimentos obtidos a partir de experiências pessoais, socialização

familiar, entre outros. O contexto familiar se trata do ambiente social inicial para as crianças, isso porque ele acaba sendo responsável pela consolidação dos significados que se tornarão a base da formação dos demais pensamentos, sentimentos e comportamentos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a análise temática. A análise temática organiza minimamente e descreve os dados coletados em ricos detalhes, identificando, analisando, interpretando padrões dentro dos dados (BRAUN E CLARKE, 2006). Em uma análise temática, a escrita é abertamente parte da análise e os pontos que ela destaca são as semelhanças e diferenças entre o conjunto de dados. Com ênfase na interpretação, têm o potencial de levar o pesquisador mais afundo na pesquisa. De acordo com Braun e Clarke (2006), os resultados “são geralmente acessíveis para educar o público em geral”. São consideradas cinco fases para a análise temática, que são elas: Fase 1: Imersão; Fase 2: Definir categoriais iniciais; Fase3: Procurar e identificar temas; Fase 4: Rever os temas; Fase 5: Definir e nomear temas; Fase 6: Escrever o relatório.

O estudo foi baseado em autobiografias, entrevistas transmitidas pela televisão ou via DVD e documentários. Para John Wooden utilizamos sua autobiografia *Jogando para vencer: A filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos* (2010) e o documentário *Values, Victory and Peace of Mind* (2003). Por ter mais materiais acessíveis, para John Calipari foram utilizadas sua autobiografia, a entrevista concedida à emissora Fox Sports para o programa Fox Sports 1 on 1 (2013) e a minissérie produzida pela ESPN, o *All Access Kentucky* (2012).

A análise dos materiais partiu do modelo proposto por Côté e Gilbert (2009), o qual propôs que os conhecimentos eram divididos em profissional, interpessoal e intrapessoal. Portanto, a análise de dados se deu a partir de três categorias determinadas *a priori*:

- I. Conhecimento profissional do treinador;
- II. Conhecimento Interpessoal do treinador;
- III. Conhecimento Intrapessoal do treinador.

De maneira complementar, em alguns momentos, foram utilizados os conceitos de aprendizagem formal, não-formal e informal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 John Wooden

Tratado como o maior treinador de todos os tempos, John Wooden (1910-2010), ex-treinador de basquete da UCLA pode ter sido considerado como efetivo e expert, pelo fato de ter sido campeão dez vezes da NCAA com a equipe da UCLA em um período de doze anos, sendo sete conquistas consecutivas e quatro invictas. O treinador atuou entre 1946 e 1975, encerrando sua carreira de treinador com 664 vitórias e 162 derrotas. Wooden também detém inúmeros recordes, entre eles seis vezes *NCAA College Basketball Coach of the Year* (treinador do ano no basquete universitário norte americano), além de estar no *Basketball Hall of Fame* (Hall da Fama do Basquetebol) e no *National College Basketball Hall of Fame* (Hall da Fama do Basquetebol Universitário), sendo nesse como jogador e como treinador. O treinador também foi considerado o treinador do século passado pela ESPN. John Wooden frequentou a *Purdue University* e em 1932 se graduou em Inglês.

Após leitura do livro “Jogando para vencer: A filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos” de John Wooden e Steve Jamison (2010) foi possível classificar algumas frases que exemplificam seu estilo de liderança dentro dos parâmetros estabelecidos por Côté e Gilbert (2009), que são: o conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal.

John Wooden não relata experiências profissionais advindas de determinada formação. Seus relatos sobre conhecimento profissional é baseado informalmente nas lições que aprendeu com seu pai, Joshua Wooden, e que desenvolveu durante seus anos de prática, tanto como professor de inglês como treinador de basquete.

Por outro lado, as características do conhecimento interpessoal são evidentes na obra. Tudo se iniciava antes da temporada, com as cartas que ele enviava ao time. Essas continham o que ele esperava dos jogadores e da equipe para o ano. Além de enviar as cartas, o treinador Wooden estava sempre aberto a ouvir as pessoas que o cercavam, com o propósito de se esforçar para oferecer uma comunicação melhor e mais justa entre eles. Durante a temporada, duas horas

diárias eram relacionadas ao basquete, enquanto no resto do tempo a vida particular dos seus jogadores também era um ponto que o treinador dava atenção.

Antes de cada treinamento ele conversava com cada aluno coisas do tipo “Como está a sua mãe?”, “Sua irmã aproveitou a visita a cidade?”, “Como foi a prova de matemática?” entre outros. O treinador dizia que era um interesse sincero de participar da vida deles sem ser pelo basquete, e como ele mesmo disse “era fácil porque depois da minha família, eles eram os mais próximos que eu tinha. Os fracassos e sucessos deles eram também os meus.” (WOODEN; JAMISON, 2010, p.87).

Pelo lado esportivo, Wooden queria que seus jogadores soubessem que eles faziam parte de uma equipe, sem contar os talentos individuais. Por isso, após cada cesta, ele cobrava algum tipo de agradecimento pela jogada ou pela assistência, porque esse colega poderia ajudar você outra vez. Se houvesse harmonia, haveria cooperação e todo o conjunto se daria bem. O bem-estar do time era mais importante que o reconhecimento individual e que o próprio basquete. E esse time só teria sucesso se os integrantes ajudarem o próprio grupo a ter sucesso. “O líder deve ensinar aqueles a quem orienta que o sucesso da equipe será o sucesso pessoal deles.” (WOODEN; JAMISON, p.55). Como John Wooden confiava em seu trabalho, quando aconteciam situações críticas, por exemplo, quando o jogo poderia ser decidido na última cesta, ele deixava que seus jogadores ou seus auxiliares decidissem quem decidiria a jogada. Se ele considerasse a decisão errada, ele tomaria a frente e interferiria. Era uma das formas dele mostrar que confiava na capacidade de sua equipe.

O treinador é autor da Pirâmide do Sucesso, um modelo de guia que ele criou para ajudar as pessoas a atingirem a excelência na competição. E desde 1934, quando começou a criar a pirâmide, Wooden tinha um único objetivo: ajudar seus alunos.

No documentário *Values, Victory and Peace of Mind* (2000), Bill Walton, um dos melhores jogadores da história da UCLA, diz que ele ensinou mais que basquete, ele ensinou sobre valores, sobre a vida, sobre características pessoais, coisas que os jogadores precisariam para serem bem-sucedidos na vida. Ainda no documentário, o desenvolvimento do sucesso ajudou Wooden a se tornar uma pessoa melhor, o ajudou a ajudar os outros, os quais estavam sob sua supervisão como alunos ou atletas e, ele se dizia mais orgulhoso de seus jogadores pelas pessoas que se tornaram fora do âmbito do esporte.

Sobre seu conhecimento intrapessoal, quando iniciou como treinador, Wooden tinha regras e esperava que elas fossem seguidas. Quando não eram, ele exagerava na reação. Aos poucos ele aprendeu que deveria encarar de maneira racional e trabalhar com as pessoas para poder entendê-las, sempre buscando melhorar, caracterizando a autocrítica como *retrospective reflection on-action* (GILBERT; CÔTÉ, 2013). O treinador também percebeu que a emotividade não controlada pode causar grandes problemas. Outra reflexão de Wooden que possui as mesmas características propostas por Gilbert e Côté (2013), onde o autor afirma que é papel do treinador saber lidar com as emoções e interpretá-las a favor de sua equipe. Cada vez mais Wooden dominava seus sentimentos e logo estava ensinando seus jogadores a controlar os deles. “Quem não controla as próprias emoções acaba sendo controlado por elas. E, quando as emoções estão no comando, você perde.” (WOODEN; JAMISON, p.42). Ele também relata que um líder emotivo favorece os adversários, tornando o trabalho deles mais fácil.

Wooden diz que seu crescimento profissional e pessoal veio a partir do momento em que se mostrava disposto a se questionar, por exemplo, como ajudar no aperfeiçoamento da equipe? Segundo ele, o bom líder sempre se questiona, sempre procurando melhorar, sempre encontrando uma solução mais eficiente depois de refletir, fortalecendo as reflexões propostas na literatura (GILBERT; CÔTÉ, 2013).

O treinador Wooden tinha um “cuidado com o futuro”. Em outras palavras, era como pensar em soluções para o futuro, e quando se está empenhado em cuidar do futuro, você é capaz de analisar e determinar o que é melhor fazer e como deve ser feito, assim como Gilbert e Côté (2013) propuseram. Isso acaba levando a bons resultados, não importando se fosse necessário para o treinador perder algumas noites de sono para planejar as soluções.

A seguir, a tabela 1 apresentará os conhecimentos do treinador Wooden subdividido em bases fundamentais, conforme estabelecido por Bettega et al. (no prelo).

Quadro 1 - Bases fundamentais dos conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal de John Wooden.

CONHECIMENTOS	BASES FUNDAMENTAIS
CONHECIMENTO	Não há trechos que consolidam as competências

PROFISSIONAL	manifestas do treinador Wooden através de seu conhecimento formal. Por outro lado, o treinador credita muito ao conhecimento informal adquirido através das situações que viveu e também as lições passadas por seu pai, Joshua Wooden, as quais o treinador destaca veementemente no livro.
CONHECIMENTO INTERPESSOAL	<p>Contexto Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bill Walton diz que o treinador ensinou mais que basquete. Ele passou valores sobre a vida e sobre características pessoais a fim de tornar seus atletas em pessoas bem sucedidas na vida fora do âmbito esportivo. <p>Relacionamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estava sempre aberto a ouvir as pessoas que o cercavam com o intuito de melhorar a comunicação entre eles; - Interesse diário pela vida particular de seus alunos/atletas. <p>Estrutura de intervenção profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartas enviadas antes do início de cada temporada continham valores e expectativas para o ano; - Cobrava agradecimentos de atleta para atleta após alguma jogada que resultasse em cesta. Era uma forma de mostrar que a ajuda do outro é muito importante; - Mostrava confiança em situações críticas deixando o grupo tomar a decisão sobre quem executaria a jogada.
CONHECIMENTO INTRAPESSOAL	<p>Filosofia de intervenção profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seu crescimento profissional e pessoal veio através das perguntas que se fazia constantemente, como “Como ajudar minha equipe com esse quesito?”. Encontrava uma solução após muito refletir sobre; - Não se importava em perder noites de sono planejando soluções para os alunos/atletas. <p>Aprendizagem ao longo da vida:</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - No início da carreira de treinador, possuía regras e esperava que fossem seguidas. Quando não eram, exagerava na reação. Com o passar do tempo, o treinador percebeu que deveria ser racional e trabalhar com as pessoas para entendê-las; - Percebeu que as emoções poderiam atrapalhar o planejamento de toda uma temporada. Aprendeu a lidar com os próprios sentimentos e ensinou seus atletas a fazer o mesmo.
--	--

Baseado em: Bettega et al. (no prelo); Cassiano (2015).

4.2 John Calipari

Tido como um dos melhores treinadores da era contemporânea do basquete universitário norte americano, John Calipari (1959-...) vêm se destacando desde seus tempos em UMass (*University of Massachusetts*). Atuando desde 1982, Calipari possui 593 vitórias e 174 derrotas em seu currículo, além de ter enviado à liga profissional 40 jovens durante esse período. Atualmente é treinador da *University of Kentucky* e detém inúmeros recordes. Calipari foi eleito cinco vezes *National Coach of the Year* (treinador nacional do ano). Durante seus seis anos como treinador em Kentucky, foi campeão da NCAA em 2012, vice-campeão em 2014, teve quatro aparições no *Final Four* (semifinais nacionais) e em 2015 conquistou o melhor começo de temporada da história, quebrando o recorde da primeira divisão da NCAA com trinta e oito vitórias e apenas uma derrota, perdendo na semifinal para a *University of Wisconsin-Madison*, do treinador Bo Ryan. Assim como John Wooden, Calipari teve a oportunidade de liderar uma equipe invicta, porém, não foi capaz de levá-la ao título nacional.

John Calipari possui bacharelado em Marketing pela Clarion *University of Pennsylvania*, título obtido em 1982.

Após análise do livro *Players First: Coaching from the inside out* de John Calipari e Michael Sokolove (2014), fomos capazes de classificar alguns de seus relatos seguindo as categorias propostas por Côté e Gilbert (2009).

Sobre seu conhecimento profissional, Calipari afirma que tem se beneficiado de mentores e que alguns deles ainda estão lhe ensinando. De acordo

com Brasil *et al* (2015), o mentor, que é mais experiente e serve de modelo, compartilha as informações e cabe ao treinador decidir quais informações serão úteis para seu trabalho. Bob Rotella é uma das pessoas que o treinador pede ajuda, especialmente quando seu time está passando por dificuldades. Calipari diz que por toda a temporada ele tem lhe aconselhado para continuar tentando tudo. O treinador relata que uma vez visitou uma mina de carvão, uma das indústrias predominantes no estado de Kentucky. Foi para debaixo da terra e perguntou para um dos mineiros: "Quando vocês almoçam?" e ele respondeu: "Nós descemos juntos e nós subimos juntos." (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.215).¹ Calipari percebeu que era basicamente o conceito de um time, tanto que acabou colocando a frase numa placa que fica pendurada na frente do dormitório dos jogadores. A experiência adquirida por Calipari na mina de carvão é caracterizada como aprendizagem informal proposta pela literatura (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

No final do livro, nos reconhecimentos, Calipari agradece seus mentores em cada universidade que trabalhou como técnico principal. Seus mentores eram os antigos treinadores que obtiveram sucesso naquela escola e que lhe ajudavam com o basquete. "Em UMass era Jack Lehman; em Memphis era Gene Bartow e em Kentucky é Joe B. Hall." (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.267).²

Sobre seu estilo de jogo, Calipari afirma:

Minhas preferências são uma defesa homem a homem bem barulhenta e uma ofensiva chamada *Dribble-drive*, que para mim é o exemplo perfeito de mostrar os talentos individuais e permitir jogarmos como um time. (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.49).³

Durante seus anos como assistente técnico na *University of Kansas*, entre 1982 e 1985, o treinador relata que aprendeu muito com Larry Brown, então técnico (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.231).

Quando foi voluntário em Kansas, o treinador disse que uma oportunidade de aprender como ser treinador lhe foi dada. "As pequenas nuances dos jogadores você acha que conhece, mas você realmente não sabe nada. Tive os melhores professores do jogo." (FOX SPORTS 1ON1, 2013)⁴

¹ Tradução livre.

² Tradução livre.

³ Tradução livre.

⁴ Tradução livre.

Em determinado momento na minissérie ESPN *All Access: Kentucky* (2012), John Calipari diz: “Avaliamos caráter como avaliamos habilidades. Se um garoto não tem caráter, pode esquecer.”⁵

Para o mesmo programa, o treinador afirmou que teve problemas para conseguir colocar dois pivôs juntos no mesmo time. “Recorri a Joe B. Hall, que na sua época de treinador jogava com dois pivôs.” (ESPN ALL ACCESS: KENTUCKY, 2012).⁶

A respeito do conhecimento interpessoal, John Calipari apresenta grande parte de sua obra relacionada àquilo que faz para com os atletas, familiares, assistentes, entre outros. Calipari enfoca que lidera pelos nomes que estão escritos nas costas das camisas, não apenas pelo nome da frente delas. Ele continua dizendo que seus jogadores são enviados pelos pais, mães, tios, avós ou qualquer pessoa nesse mundo que os tenha criado e amado (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.2). Em determinada situação, o treinador também lembra o que acontece quando a temporada acaba, seja ela vitoriosa ou não.

“Eu ficaria feliz se fôssemos campeões nacionais e ninguém fosse escolhido no *draft*? Ficaria feliz pela instituição que representamos, mas ficaria desapontado pelos garotos. Eu não sentiria que fiz meu trabalho para eles.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.5).⁷ O treinador Calipari faz exatamente o mesmo comentário durante o programa transmitido pela ESPN em outubro de 2012. Considerando ainda o final da temporada e a hora de escolher se determinado jogador entra ou não para o *draft* da NBA:

No final da temporada, sentamos e conversamos. Não empurro os jogadores para fora da porta, mas também não fico no caminho deles. Eu digo para eles como eles são vistos pela NBA. Para alguns eu digo que é uma boa ideia em sair e para outros que eles podem se beneficiar mais do programa. Nem sempre eles seguem os conselhos. Qualquer que seja a decisão deles, eu dou um abraço neles, digo que amo e prometo fazer tudo que eu puder para ajudá-los. (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.5-6).⁸

Sempre que não está acontecendo atividades relacionadas ao basquete e Calipari avista um dos seus jogadores no campus, seja no corredor ou nas estruturas de treinamento, ele nunca passa direto por ele. Ele o agarra e conversa.

O que está acontecendo? Onde você está indo? Você conversou com sua mãe hoje? Não existe a hora do treinador e a hora do não-treinador. Eu sou

⁵ Tradução livre.

⁶ Tradução livre.

⁷ Tradução livre.

⁸ Tradução livre.

sempre o treinador deles. Eu não quero que eles pensem nem por um momento que eu não me preocupo com eles. Eu não quero que eles tenham essa dúvida. (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.28-29).⁹

Durante os treinamentos, o treinador pede aos seus jogadores para que tentem impressioná-lo, para que façam a equipe ganhar e que qualquer outra coisa que eles queiram vai acontecer. E em um dos treinamentos, DeMarcus Cousins, jogador de 2009-2010, certa vez reclamou que os exercícios de condicionamento estavam deixando seus pés “pegando fogo”. Calipari o viu sem o tênis e ele reclamou de novo. Naquele momento, o treinador disse que ele não fez o que deveria ser feito e que daquele jeito não conseguiria jogar nem 10 minutos, sem contar que não seria titular da equipe. Após esse dia, Cousins fez todos os exercícios. “Eu queria que ele sentisse que eu me importava o suficiente com ele para encorajá-lo a fazer a coisa certa.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.56-57).¹⁰

Quando chegou a temporada de 2011-2012, o treinador conversou com Darius Miller, um dos jogadores chave da equipe e disse: “Eu tenho que te dizer que quero que você venha do banco. Não vai mudar em nada o que faz, mas não posso começar com seis na quadra.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.82).¹¹ Miller apenas disse que iria fazer o que o treinador quisesse e que ele faria qualquer coisa que o time precisasse. Isso mostra como Calipari se relacionava mesmo tendo que cortar um dos jogadores do quinteto inicial. Por confiar no trabalho do treinador e por procurar sempre o que era melhor para a equipe, o jogador não mostrou nenhum tipo de desapontamento. Outro jogador que seria campeão naquela temporada, Marquis Teague procurou Calipari no começo da temporada e perguntou como poderia melhorar. O treinador Calipari conversou um pouco e quando ele estava saindo, disse: “Eu vou trabalhar com você todos os dias. Você é meu armador e estou contigo. Não ligo para o que as pessoas falam sobre você.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.48-49).¹²

Meu dever é proporcionar para nossos jogadores um monte de conhecimento sobre basquete em um curto período de tempo. Também devo me precaver da tendência dos garotos em olharem tão para a frente. Eles devem estar focados e saber exatamente onde estamos. (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.109).¹³

⁹ Tradução livre.

¹⁰ Tradução livre.

¹¹ Tradução livre.

¹² Tradução livre.

¹³ Tradução livre.

Antes da final em 2012 o treinador não queria se mostrar preocupado com sua frustração caso seus jogadores falhassem. Foi então que Calipari disse a eles: “Se não der certo, a responsabilidade é minha, e se der certo, vocês terão a glória, então não se preocupem com isso. Vocês são os melhores. Façam o que vocês fazem. Vocês não jogarão perfeitamente.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.119).¹⁴

Anthony Davis, o melhor jogador daquele time, acabou sendo escolhido o *MOP* (*Most Outstanding Player*, jogador mais incrível) do *Final Four*. Ele não teve uma boa pontuação, mas foi dominante em todos os outros fundamentos. “*Players First* é sobre isso. É sobre não ligar para os arremessos ou estatísticas. É se preocupar com o outro como nos preocupamos com eles.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.129).¹⁵

Quando nossos jogadores que optaram por sair conseguem um lugar na primeira rodada do *draft*, que é onde eles têm garantia de dinheiro, eles ouvem o que seria a minha “conversa de dinheiro”. Coloque seu primeiro milhão fora da conta e não toque nele. Coloque o em uma aplicação conservativa e gerencie profissionalmente. A razão pela qual eu digo isso é que após eles assinarem o contrato, eles vão comprar um carro caro, e eu sei disso porque eles só falam disso. Faço isso porque ninguém sabe o que o futuro reserva.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.139).¹⁶

John Calipari enfoca também que não desiste dos jogadores, dos times e das temporadas. Ele afirma que isso vem de dentro dele como treinador. Como está com seus jogadores durante toda a temporada, não é só de basquete e nem deve ser só esse o tipo de conversa. “Não sou filósofo, assistente social ou terapeuta, mas eu converso com eles sobre a vida deles, sobre coisas que eu acho que sei.” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.192-193)¹⁷. Assim como John Wooden, Calipari envia mensagens aos seus jogadores regularmente em junho para eles já pensarem nos componentes que são considerados base do programa.

Sim, eu quero ganhar jogos e campeonatos, mas meu propósito é ajudar a desenvolver jovens a atingirem seus sonhos. Se fosse seu filho, o que você gostaria que eu fizesse? Se ele for a quinta ou sexta escolha, não vou falar pra ele ficar e correr o risco de se machucar e perder a oportunidade. É como um trabalho de babá. Gosto do fato de hoje poder enviar mensagens. Se você quiser que eu te ligue uma vez por semana, eu vou. Mas você tem 17 anos e eu 54, do que vamos conversar? Mas se precisar falar comigo, me ligue. E eu acabo dizendo que sua responsabilidade vai ser entrar na melhor forma da sua vida, melhorar suas habilidades e jogar para seus colegas de time e não para si próprio. Se não conseguir fazer isso, não

¹⁴ Tradução livre.

¹⁵ Tradução livre.

¹⁶ Tradução livre.

¹⁷ Tradução livre.

venha para cá. (ESPN ALL ACCESS: KENTUCKY, 2012; FOX SPORTS 1 ON 1, 2013).¹⁸

Na minissérie da ESPN, o treinador afirma: “Se sabe que não é bom o suficiente, não venha aqui, pois não posso escondê-lo.” (ESPN ALL ACCESS: KENTUCKY, 2012).¹⁹

Quanto ao conhecimento intrapessoal, houve um tempo em que o treinador atuava para si mesmo, seja por status, respeito, dinheiro ou vitórias. Ele dizia que não era imune a essas coisas, mas elas não são mais o que ele busca, apresentando um amadurecimento do treinador a partir da *retrospective reflection on-action* (GILBERT; CÔTÉ, 2013). Se estiver enfrentando problemas com um determinado jogador, pela manhã, que é quando Calipari têm seu momento de calma e quase meditação, é quando se pergunta: “Como eu gostaria que meu próprio filho fosse tratado?” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.2).²⁰

Sobre a definição de seu trabalho, Calipari diz ser um desafio para o treinador. Ele se questiona sobre “Como eu ensino meus jogadores todo o basquete que eles precisam? Como nos unimos como um time e ganhamos campeonatos? Como forjamos relacionamentos?” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.7).²¹ Pelo fato de tê-los por uma temporada, o treinador se questiona se fez tudo que podia para mostrar para eles a importância de ser grato pelo que tem. Uma das reflexões que também passam pela mente do treinador, é pensar sobre como você tentaria ganhar do seu próprio time, e isso vem junto com o trabalho do treinador. “Você se coloca na mente de outro treinador conforme ele olha um vídeo de um dos seus jogos. Onde somos vulneráveis? Contra quais defesas sofremos pra jogar? Qual velocidade que não gostamos de jogar?” (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.103).²²

Um dos fatores que preza é sobre as emoções, assim como Wooden. Conforme Gilbert e Côté (2013), o bom treinador é aquele que sabe lidar com as emoções.

Não os quero jogando com raiva ou ódio do outro time. Raiva e ódio são relacionados ao medo, e quando joga com um pouco de raiva, você não responde bem quando é desafiado. Uma vez que você perder a liderança, errar um arremesso que deveria ter feito, toda a raiva se torna medo, e aí o jogo se vira contra você. (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.114).²³

¹⁸ Tradução livre.

¹⁹ Tradução livre.

²⁰ Tradução livre.

²¹ Tradução livre.

²² Tradução livre.

²³ Tradução livre.

Quando acontece uma temporada que não acaba saindo nada certo, o treinador apresenta a característica da *retrospective reflection on-action* proposta por Gilbert e Côté (2013) esse questiona:

Você foi o responsável que colocou tudo junto. O que eu fiz para causar isso? O que eu não vi? Por que não consegui tomar conta do time? O que eu tenho que mudar pra ter certeza que não ocorra de novo? (CALIPARI; SOKOLOVE, 2014, p.165).²⁴

Apesar de estar num dos cenários de maior destaque do basquete universitário norte americano, Calipari pensa sobre o momento e se é só basquete ou se ele já está no ramo de ajudar famílias, uma vez que familiares creditam seus filhos a ele. Quando a mídia ou as redes sociais falam mal do treinador Calipari, ele olha para a frase que está escrita na parede de seu escritório, onde está escrito *Coach Your Team* (Lidere seu time). Ele diz que é toda a reflexão que precisa e, pelo fato de ser momentânea, pode ser caracterizada como *reflection in-action* proposta por Gilbert e Côté (2013), uma vez que ele procura uma maneira de tirar o foco das críticas que vem sofrendo naquele instante.

“Todo ano me pergunto: Como eu pego esse grupo de jogadores inexperientes e faço-os acreditar no que ensinamos e em como vamos jogar?” (ESPN ALL ACCESS: KENTUCKY, 2012).²⁵

A seguir, a tabela 2 apresentará os conhecimentos do treinador Calipari subdividido em bases fundamentais, como proposto por Bettega et al. (no prelo).

Quadro 2 - Bases fundamentais dos conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal de John Calipari.

CONHECIMENTOS	BASES FUNDAMENTAIS
CONHECIMENTO PROFISSIONAL	Os materiais estudados não apresentam informações de aprendizagem formal, apenas da aprendizagem informal, a partir dos treinadores que foram seus mentores e até a visita a mina de carvão. Esporte: - Seu estilo de defesa é a marcação individual e é adepto da <i>Dribble- Drive Motion</i> .

²⁴ Tradução livre.

²⁵ Tradução livre.

<p>CONHECIMENTO INTERPESSOAL</p>	<p>Contexto Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lidera pelos jogadores, não só pela universidade; - Deseja o maior sucesso para seus jogadores que para si próprio; - Se falharem, a culpa é dele. Se sucederem, a glória é dos jogadores. <p>Relacionamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa com os jogadores particularmente sobre as possibilidades após o fim da temporada; - Interesse pela vida diária dos jogadores; - Mantém a realidade com os jogadores, mesmo que eles não esperem ouvir determinado assunto; - Aconselha os jogadores a tomarem cuidado com o primeiro contrato; - Mantém contato com os jogadores, mesmo se não houver assunto entre eles. <p>Estrutura de intervenção profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Envia mensagens para os jogadores antes do início da temporada; - Força os jogadores a saírem da zona de conforto; - Mantém os jogadores dentro da realidade, não permitindo que eles percam o foco.
<p>CONHECIMENTO INTRAPESSOAL</p>	<p>Filosofia de intervenção profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se questiona sobre como forjar relacionamentos e como unir o time, além da didática apropriada ao basquete; - Se coloca no lugar do outro treinador e pensa em como ganhar do próprio time; - Reflete sobre como não cometer os mesmos erros de uma temporada ruim. <p>Aprendizagem ao longo da vida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atuava para conseguir status, dinheiro e afins. Não busca mais isso;

	<ul style="list-style-type: none"> - Trata um jogador da mesma maneira que queria que tratassem seu filho; - As emoções não fazem bem ao time.
--	--

Baseado em: Bettega et al. (no prelo); Cassiano (2015).

O Quadro 3, a seguir, sintetiza as idéias dos treinadores em semelhanças e diferenças.

Quadro 3 – Síntese das idéias dos treinadores Wooden e Calipari.

	SEMELHANÇAS	DIFERENÇAS
CONHECIMENTO PROFISSIONAL	Apresentam a aprendizagem informal como maior fonte de conhecimento	Wooden não teve a quem recorrer em caso de ajuda. Calipari possuía mentores em cada universidade que passou
CONHECIMENTO INTERPESSOAL	Enviam cartas aos times, se preocupam com os jogadores além do ambiente esportivo e ensinam mais que esporte	Não possuem diferenças neste quesito
CONHECIMENTO INTRAPESSOAL	Possuíam regras próprias até amadurecerem, estavam interessados em sempre melhorar o rendimento dos times e em controlar as emoções	Não possuem diferenças neste quesito

5 CONCLUSÃO

Podemos concluir que John Wooden tinha uma preocupação com seus atletas além das quadras. Ele queria ensinar mais que basquete, ele ensinava sobre a vida e como devemos encará-la. Todos os dias ele conversava com seus atletas sobre a vida, pois eles eram sua segunda família. O treinador mostrou como se deve refletir sobre como sua equipe pode melhorar e sobre como as emoções devem ser deixadas de lado para que elas não atrapalhem suas ações.

Assim como Wooden, John Calipari também se preocupa com seus jogadores. Profissionalmente ele pede seriedade e comprometimento com o trabalho, mas não deixa de estar presente na vida de seus atletas todos os dias, assim como o treinador Wooden. O treinador também não deixa as emoções tomarem conta de suas decisões, uma vez que elas mais atrapalham que ajudam.

REFERÊNCIAS

BETTEGA, O. B. et al. Papéis do treinador esportivo de categorias de base nos jogos esportivos coletivos. No prelo.

BRASIL, V. Z. et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 815-829, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, p. 77-101, 2006.

CALIPARI, John; SOKOLOVE, Michael. **Player's First: Coaching from the Inside Out**. New York, Estados Unidos da América: Penguin Group, 2014. 277 p.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. D. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.

ESPN All Access Kentucky. Produção de Sean Titone. Direção de Jonathan Hock. Estados Unidos da América: ESPN, 2012. TV.

Fox Sports 1 on 1. Produção de P.T. Navarro. Estados Unidos da América: Fox Sports, 2013. TV.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J. Defining coaching effectiveness: A focus on coaches' knowledge. **Routledge Handbook of Sports Coaching**, v. 1, n. 12, p. 147-159, 2013.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualization.2006.

Values, Victory and Peace of Mind. Direção de Eli Brown. Estados Unidos da América: Planet Pictures Media ©, 2003. Documentário.

WOODEN, John; JAMISON, Steve. **Jogando para vencer:** A filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos. Tradução de Márcia Marques Oliveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.169 p.